

- Puente, M.A. 2002: “Cerámica común romana de Camesa-Rebolledo”, *Sautuola*, 8, 177-228.
- Ontañón Peredo, R. 2000: “Investigaciones arqueológicas en Montealegre (Sámano, Castro Urdiales)”, en R. Ontañón (ed.): *Actuaciones arqueológicas en Cantabria 1984-1999*. Santander, 279-282.
- Réchin, F., Izquierdo, M^oT., Convertini, F., Esteban, M., Filloy, I., García, M.L. y Gil, E. 1996: “Céramiques communes non-tournées du Nord de la Péninsule Ibérique et d’Aquitaine Méridionale. Origine et diffusion d’un type particulier de pot culinaire”, S.F.E.C.A.G., Actes du Congrès de Dijon, Marseille, 409-422.
- Urteaga, M^a.M. y Amondarain, M.L. 2015: “La cerámica común romana en Oiasso (Irún, Gipuzkoa)”, *Cuadernos de la SECAH*, 2, 253-278.
- Urteaga, M^a.M. y López, M.^aM. 2000: “Aperçu des principaux groupes de production mis en évidence lors des fouilles du port d’Irún”, *Actes du congrès de Libourne*, Marseille, 129-144.

A propósito de um tipo pouco conhecido da produção de cerâmicas de paredes finas emeritense: a taça Mayet 632

André Gadanho

Departamento de Prehistoria y Arqueología de la Facultad de Filosofía y Letras da Universidad de Granada. UNIARQ - Centro de Arqueología da Universidade de Lisboa. Faculdade de Letras de Lisboa. Bolseiro FCT

andre_gadanho@hotmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-5189-4583>

As primeiras referências a uma possível produção de cerâmicas de paredes finas em *Augusta Emerita* remontam à publicação da descoberta de um forno na

rua San Salvador, em Mérida (Badajoz, Espanha) (Fig. 1), onde se indicava que ali teriam sido fabricadas não só estas cerâmicas, mas também lucernas (Barrantes 1877). No entanto, apenas na década de 1970 voltariam a surgir dados significativos para um conhecimento mais aprofundado destes materiais, com a publicação da obra *Les céramiques à parois fines dans la Péninsule Ibérique* (1975), da autoria de Françoise Mayet. Com base no espólio depositado em vários museus peninsulares, mas sobretudo no então conservado nas reservas do Museu Arqueológico de Mérida (actual Museu Nacional de Arte Romano), a autora identificou e catalogou onze tipos distintos de formas atribuídas à produção emeritense, numeradas de XLIII a LIII. Além destes, incluiu ainda onze exemplares únicos, reunidos numa categoria intitulada *diverses*, que, apesar de se encontrarem em estado fragmentário e, por conseguinte, de difícil adscrição tipológica, foram analisados e ilustrados com o objectivo de apoiar pesquisas futuras (Mayet 1975: 115, Pl. LXXV).

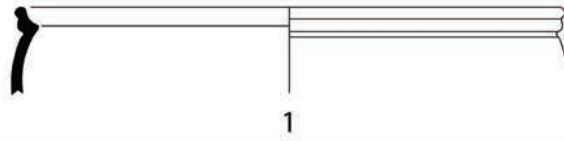
É precisamente no âmbito de uma investigação, actualmente em curso e centrada no estudo desta produção a partir da análise de contextos arqueológicos em Mérida¹, que se propõe divulgar novos dados sobre um dos tipos incluídos nessa mesma categoria, listado com o número 632. F. Mayet atribuiu este número de catálogo a um fragmento de bordo, vertical e moldurado, que pertenceria a uma taça pouco profunda e de perfil arredondado, com cerca de 15 cm de diâmetro. O engobe, que revestia ambas as superfícies, era de cor alaranjada, sem brilho e encontrava-se mal conservado (Idem, ibidem). Será apenas com a publicação do estudo sobre a cerâmica comum das necrópoles do Alto Alentejo (Nolen 1985) que voltam a surgir novos dados sobre este tipo. Nesse trabalho, são mencionadas duas taças, uma de forma semiesférica e outra carenada, provenientes da necrópole de Padrãozinho, ambas desprovidas de engobe. As suas morfologias e características técnicas terão levado a autora a questionar uma eventual atribuição à produção de paredes finas de Mérida

Figura 1. Mapa de Mérida com a localização dos contextos arqueológicos analisados.

1- *Puticulum* /lixreira na rua Cabo Verde. 2 – rua Constantino, n.ºs 14, 64 e rua Concejo, n.º 19. 3 – rua Almendralejo, n.º 41. 4 – Avenida Vía de la Plata. 5 – ruas Tomás Romero de Castilla / Antonio Hernández Gil.



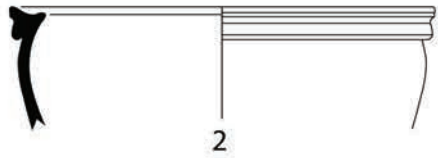
Rua Concejo, nº 19



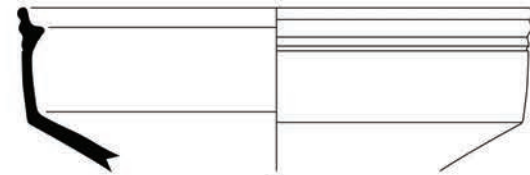
1

Rua Almendralejo, nº 41

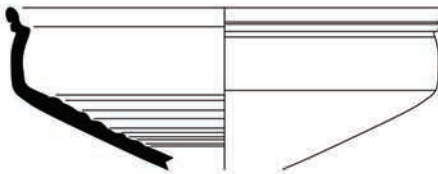
90-100 d.C.



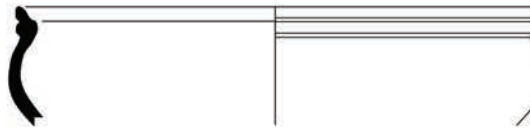
2



3

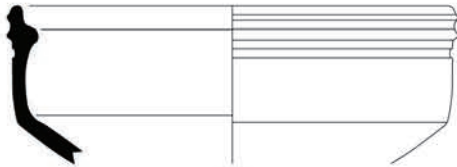


4

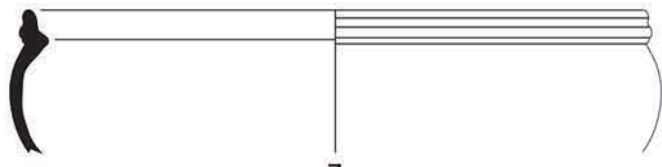


5

Finais do séc. I d.C. -inícios do II d.C.

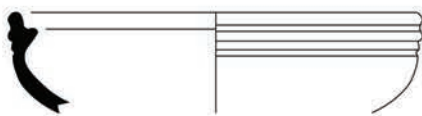


6

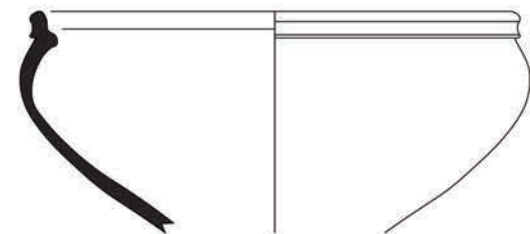


7

2º quartel do séc. II d.C.



8



9



10

0 10 cm



Figura 2. Exemplos de cerâmicas de paredes finas emeritenses do tipo Mayet 632 referidos no texto (A. Gadanho).

(Idem: 108; Est. XL, n.ºs 414–415). Mais tarde, num novo estudo dedicado a estes espaços funerários, M. Rolo reanalisou as peças, integrando-as inequivocamente nessa produção, embora com diferentes classificações tipológicas e situando-as cronologicamente entre a segunda metade do século I e o início do século II d.C. (Rolo 2018: 286–287, 357).

Através de um recente estudo artefactual de vários contextos arqueológicos em Mérida, verificou-se que este tipo está ausente do *puticulum* / lixeira da rua Cabo Verde, datado da época flávia (Hidalgo Martín *et alii* 2012: 133). O mesmo se aplica a duas intervenções localizadas na mesma artéria: no n.º 14 da rua Constantino e no n.º 64, também com cronologia atribuída ao período flávio² (Alvarado Gonzalo e Molano Brías 1996; Rodríguez Martín 1996b, respectivamente). No entanto, esta situação altera-se numa outra escavação realizada no mesmo quarteirão, na rua Concejo, n.º 19, onde foi identificado um único exemplar (Fig. 2, n.º 1), proveniente dos níveis de lixeira que aterravam um conjunto de estruturas datadas entre finais do século I d.C. e o século II d.C. (Barrientos Vera 2007: 373). A peça, não engobada, apresenta 18 cm de diâmetro de bordo.

Encontra-se representado, por sua vez, com um volume estatisticamente expressivo de 56 indivíduos (NMI) nos diversos estratos que compõem a lixeira intervencionada na rua Almendralejo, n.º 41 (Heras Mora *et alii* 2017). A análise cro-neostratigráfica indica que a entrada do tipo Mayet 632 nos circuitos de consumo terá ocorrido algures na última década do século I d.C., como demonstra a presença de quatro exemplares em dois contextos datados desse período (Fig. 2, n.ºs 2-5). Foram identificados apenas dois valores de diâmetro de bordo, 14 e 17 cm e só uma das peças apresenta engobe, limitado à superfície interna. Do ponto de vista morfológico, distinguem-se dois

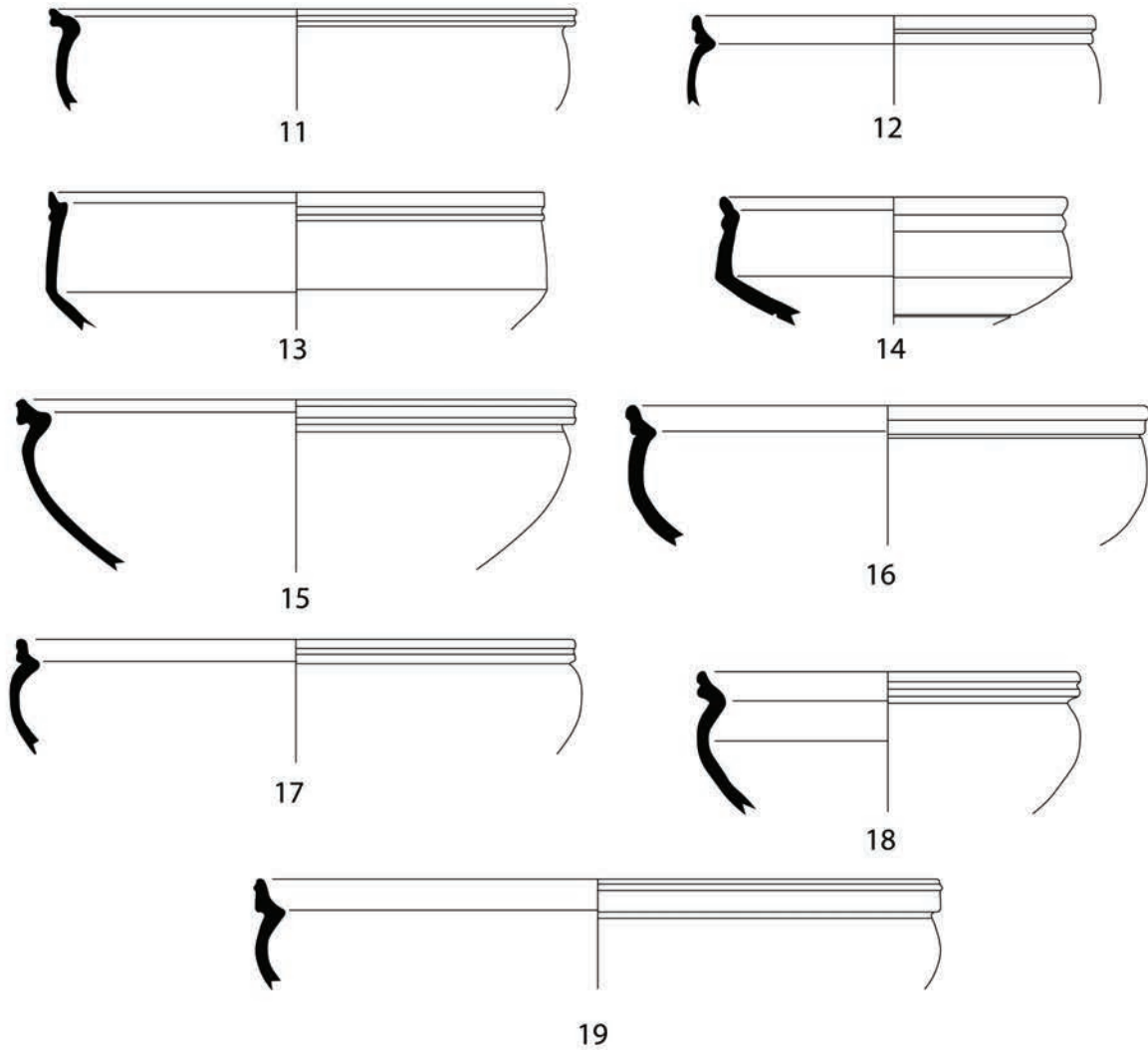
exemplares de perfil arredondado e os restantes carenados, sendo o bordo mol-durado a característica comum a todos os indivíduos deste conjunto. Entre finais do século I d.C. e os inícios da centúria seguinte, contabilizam-se 11 indivíduos (Fig. 2, n.ºs 6-7). Os diâmetros destas taças distribuem-se uniformemente entre os 14 e os 19 cm, sendo que quatro apresentam engobe apenas na superfície interna. Em duas dessas peças, esse revestimento é pouco espesso e homogéneo, conferindo-lhes um aspecto algo distinto do que habitualmente se observa nesta produção cerâmica. Todas apresentam corpo hemisférico, com excepção de duas com perfil carenado. Em outras quatro unidades estratigráficas, datáveis do segundo quartel/meados do século II d.C., o volume reduz-se agora ligeiramente, totalizando sete exemplares (Fig. 2, n.ºs 8-10). Apenas um exemplar com 20 cm de diâmetro está engobado nas duas superfícies (n.º 10), sendo relevante destacar que este é o único caso com estas características em todo o conjunto analisado. Todos os restantes, entre os quais se encontra o único perfil carenado desta fase, têm diâmetros entre 13 e 15 cm e não possuem revestimento, embora algumas peças apresentem a superfície exterior enegrecida ou manchada, provavelmente devido a fenómenos ocorridos durante a cozedura. Os últimos contextos onde este recipiente está presente em números ainda significativos —24 indivíduos— correspondem a duas unidades estratigráficas datadas do terceiro quartel/finais do século II d.C. A quase totalidade do conjunto encontra-se desprovida de engobe, com apenas uma peça revestida na superfície interior. Verifica-se ainda uma ampliação dos valores dos seus diâmetros de bordo relativamente ao período anterior, variando entre os 10 e os 22 cm de diâmetro (Fig. 3, n.ºs 11-19), embora mais de metade do conjunto se situe entre os 15 e os 18 cm. Por fim, os

restantes nove indivíduos do conjunto foram identificados em vários contextos datáveis dos séculos III e IV d.C., num momento em que a produção de cerâmicas de paredes finas emeritense já não estaria em curso, sendo por isso considerados como residuais.

Ainda no âmbito do referido estudo sobre esta produção, foram também analisados 26 contextos de carácter funerário, exumados em várias zonas da actual cidade de Mérida. Contabilizaram-se 135 exemplares, dos quais apenas três correspondem ao tipo Mayet 632, o que parece indicar que este não era um recipiente de eleição para ser incluído no depósito funerário. Dois deles destacam-se pelo seu excelente estado de conservação, ao preservarem o seu perfil, carenado, na íntegra (Fig. 3, n.ºs 20-21). O primeiro foi identificado numa sepultura de incineração, implementada na zona Noroeste da cidade romana e fora do seu perímetro muralhado (Pereira Ramos 2017: 480). Não foi engobado e tem 15 cm de diâmetro, fazendo conjunto com uma tigela também desta produção, do tipo Mayet XLIII com decoração roletada, bem como peças de cerâmica comum e vidros que apontavam para um sepultamento ocorrido algures nos inícios do séc. II d.C. (Idem: 500). O 2.º exemplar provém de uma outra necrópole, situada também extramuros, mas desta vez na zona Sul, tendo sido encontrado numa sepultura infantil. Também não tem revestimento, à semelhança do exemplo anterior, sendo também de menores dimensões: 9.5 cm de diâmetro de bordo. Os restantes elementos do conjunto, infelizmente, não permitem determinar uma cronologia mais precisa para este enterramento (Méndez Grande 2006: 315, 340).

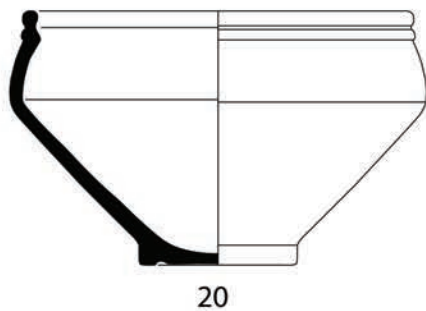
Os dados aqui apresentados permitem caracterizar o tipo Mayet 632 como uma forma estatisticamente bem representada no conjunto da produção de paredes finas emeritense, distinguindo-se pelo bor-

Rua Almendralejo, nº 41
3º quartel / finais do séc. II d.C.



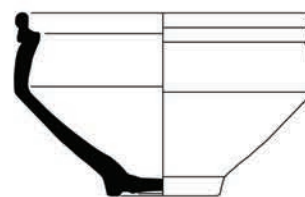
Contextos funerários

Aven. Via de la Plata



20

Ruas Tomás Romero de
Castilla/Antonio Hernández Gil



21

0 10 cm



Figura 3. Exemplos de cerâmicas de paredes finas emeritenses do tipo Mayet 632 referidos no texto (A. Gadanho).

do moldurado, a sua característica mais constante. Apresenta, contudo, variações morfológicas que incluem perfis hemisféricos e carenados, bem como uma gama de diâmetros que evidencia a existência de recipientes de várias dimensões. A quase ausência de engobe, que, quando presente, se limita à superfície interna e de aplicação pouco cuidada em alguns casos, distingue este tipo de outros da mesma produção, podendo reflectir alterações nos processos de fabrico ou finalidades funcionais distintas. A sua entrada nos circuitos de consumo terá ocorrido na última década do século I d.C., atingindo maior expressão ao longo do século II, sendo a sua presença em contextos de cronologia posterior atribuível a fenómenos de residualidade. A discrepância da sua representatividade entre contextos de lixeira urbana e espaços funerários sugere uma função marcadamente quotidiana e um valor simbólico limitado. O presente estudo contribui, assim, para um conhecimento mais aprofundado da tipologia estabelecida por F. Mayet, confirmando a utilidade de visitar formas definidas com base em materiais fragmentários ou de proveniência pouco clara, à luz de novos contextos arqueológicos que permitem reavaliar as dinâmicas desta produção cerâmica.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao Consorcio Ciudad Monumental de Mérida pela sua disponibilidade e facilidade no acesso aos materiais em estudo.

O autor é financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia através de uma bolsa de investigação para Doutoramento (referência 2021.05218.BD).

Bibliografía:

Alvarado Gonzalo, M. e Molano Brías, J. 1996: Aportaciones al conocimiento de las cerámicas comunes altoimperiales en Augusta Emerita: el vertedero de la calle Constantino. In Aquilué, X. y M. Roca,

M. (eds.), *Cerámica comuna romana d'època altoimperial a la Península Ibèrica. Estat de la qüestió, Monografies Emporitanes VIII*, Barcelona, 281-297.

Barrantes, V. 1877: *Barros Emeritenses. Estudio sobre los restos de cerámica romana que suelen ballarse en las ruinas de Mérida*. Madrid.

Barrientos Vera, T. 2007: Una figlina emeritense extramuros del siglo I d.C. y la ocupación funeraria del espacio en épocas bajoimperial y andalusí. Intervención arqueológica realizada en el solar n.º 19 de la calle Concejo, Mérida. In *Mérida Excavaciones Arqueológicas, 2004. Memoria 10*, 371-409.

Bustamante Álvarez, M. 2011: Nuevas consideraciones cronológicas en torno a la producción de paredes finas emeritenses. In *Zephyrus. LXVII*, 161-170.

Heras Mora, F.J., Olmedo Gragera, A. B. e Pérez Maestro, C. 2017: Dinámica urbana en el Suburbio Norte de Augusta Emerita. Síntesis diacrónica de las excavaciones en el llamado Corralón de los Blanes. In *Mérida, Excav. Arqueol. 12, 2006-2008*. Mérida, 707-745.

Hidalgo Martín, A. L., Bustamante Álvarez, M. e Pérez Maestro, C. 2012: Grafitos sobre cerámica del puticuli de la Calle Cabo Verde de Mérida (España). Nuevos datos sobre la cotidianidad emeritense en el siglo I d. C. In *Espacio, Tiempo y Forma 25*.

Méndez Grande, G. 2006: Desarrollo de un espacio agropecuario y funerario en la zona sur de la ciudad. In *Mérida excav. arqueol. 2003*, 9, 313-356.

Nolen, J. S. 1985: *Cerâmica comum de necrópoles do Alto Alentejo*. Lisboa: Fundação da Casa de Bragança.

Pereira Ramos, Y. 2017: Nuevos datos sobre el área funeraria en torno a la Vía de la Plata en las proximidades de *Augusta Emerita*. Intervención arqueológica realizada en SUP-NO-06 Monteadirém ubicado en la avda. Vía de la Plata. In *Mérida excav. arqueol. 2006-2008*, 12-2, 459-508.

Rodríguez Martín, G. 1996a: La cerámica de paredes finas en los talleres emeritenses. In *Mélanges de la Casa de Velázquez XXXII*, 138-180.

Rodríguez Martín, G. 1996b: *Materiales de un alfar emeritense: paredes finas, lucernas, sigillatas y terracotas*. Cuadernos Emeritenses 11. MNAR.

Rolo, A. 2018: *O Mundo Funerário Romano no Nordeste Alentejano (Portugal) – O Contributo das Intervenções de Abel Viana e António Dias de Deus*. Tese especialmente elaborada para obtenção do

grau de Doutor no ramo de História, na especialidade de Arqueologia. Lisboa: Faculdade de Letras.

¹ Projecto de Doutoramento intitulado "Análise cronoestratigráfica e tipológica das paredes finas emeritenses: contextos de produção e consumo na capital da Lusitânia".

² Para o primeiro contexto, a análise do espólio cerâmico revelou a presença de vários exemplares da produção de *terra sigillata* datáveis da época flávia, como os tipos Drag. 36, de origem sudgálica, e Drag. 37, de fabrico hispânico. Estes dados permitem estabelecer um *terminus post quem* para o entulhamento da fossa algures nesse mesmo período. Quanto ao segundo contexto, remetem-se para Bustamante Álvarez (2011: 183), onde foram apresentados alguns comentários à cronologia inicialmente proposta para esse conjunto.

Tres piezas ¿importadas? De la necrópolis de los CTT (Braga)

Alba A. Rodríguez Nóvoa*
Cristina Maria Vilas Boas**

*Universidade de Vigo
**Braga. Museu de Arqueologia D.
Diogo de Sousa.

albaantia.rodriquez@gmail.com
cristina.braga@museusemonumentos.pt

<https://orcid.org/0000-0001-8577-212X>

<https://orcid.org/0000-0002-5302-0473>

Las cerámicas objeto de nuestro estudio son tres piezas aparecidas en la necrópolis de los CTT de Braga/*Bracara Augusta*. Destacan dentro de los conjuntos de ajuares de las tumbas por sus características de formales y de acabado exterior. El yacimiento fue ampliamente excavado